



## INTOXICAÇÃO POR BACCHARIS CORIDIFOLIA (MIO-MIO) EM EQUINOS - UMA ABORDAGEM CLÍNICA.

VELHO<sup>1</sup>, J.; BRUM, C<sup>2</sup>.; LINS<sup>2</sup>, L.; NODARI<sup>3</sup>, C.; NOGUEIRA<sup>4</sup>, C.E.W.

<sup>1</sup>Médica Veterinária residente do HCV/UFPel; <sup>2</sup>Médica Veterinária; <sup>3</sup>Acadêmica em medicina veterinária Universidade de Lages/SC; <sup>4</sup> Prof. Doutor da Universidade Federal de Pelotas.

### Introdução

A intoxicação por *Baccharis coridifolia* (Asteraceae)(mio-mio), ocorre principalmente no Rio Grande do Sul, na região da fronteira com o Uruguai e Argentina. A *B. coridifolia* encontra-se também, em Santa Catarina, Paraná e São Paulo. A doença ocorre principalmente em bovinos e, menos freqüente, em ovinos e eqüinos, quando animais criados em zonas livres da planta são transportados e soltos em campos infestados por mio-mio. Animais criados em campos onde existe mio-mio, raramente, ou nunca, se intoxicam. O mio-mio é mais tóxico na floração, entretanto, pode ocorrer durante todo ano. De modo geral, a morbidade é variável e a letalidade próxima de 100% (RIET-CORREA *et al.*, 2007).

Quanto à ocorrência espontânea da intoxicação por *B. Coridifolia* em eqüinos no Brasil, há alguns históricos colhidos por veterinários (Mendes, 1992). Em um trabalho experimental feito por COSTA, et al sobre intoxicação por *B. Coridifolia* foram encontradas as doses capazes de desenvolver a intoxicação. Sendo 0,125 a 0,5g/Kg causando intoxicação letal com evolução clínica de 12 a 26 horas, enquanto que 0,06g/Kg provocou doença grave com recuperação em até nove dias e a dose de 0,03g/kg causou apenas leve sinal de doença e recuperação em poucas horas.

### RELATO DE CASO

No dia 31/07/08 foram recebidas no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas (HCV-UFPel), três éguas da raça PSI, provenientes de um haras da região de Bagé. Essas éguas eram nascidas na região, porém, passaram longo período em outro estado do país, motivo pelo qual justifica-se a ingestão da planta quando retornaram a sua região. Os animais foram introduzidos no plantel juntamente com outras éguas da propriedade e após uma semana na pastagem de campo nativo começaram a manifestar sinais clínicos compatíveis com intoxicação por mio-mio. Uma delas, muito debilitada, apresentou um quadro superagudo da doença, chegando sem

vida ao HCV. As outras duas receberam tratamento de urgência, a que se encontrava em pior estado morreu trinta horas após o início dos sinais clínicos, sendo que somente uma delas conseguiu reverter o quadro.

A égua 1 apresentava um quadro geral de apatia e dor moderada contínua, diarreia aquosa profusa e fétida, sialorréia, taquicardia, extremidades frias nos membros anteriores e quentes nos posteriores não sendo constatada presença de pulso digital, apresentava ainda timpanismo moderado, instabilidade nos membros posteriores,

Na primeira avaliação do animal 13 horas após o início dos sinais, apresentava frequência cardíaca (FC) 80 bpm, frequência respiratória (FR) 20 mpm e tempo de perfusão capilar (TPC) 6 segundos, com as mucosas ocular e nasal extremamente congestionadas e mucosa oral com presença de halo cianótico, elasticidade da pele diminuída indicando quadro de desidratação e temperatura retal de 35,2°C. À auscultação abdominal verificou-se aumento dos borborigmos, bem como a presença excessiva de gás em toda região intestinal. Passadas 22 horas após o início dos sinais o animal evoluiu para uma grave apatia, entrando em um quadro de dor severa, apresentando grande inquietação, olhar constante para o flanco, gemidos, contrações abdominais e evacuação em forma de jatos. Observou-se aumento da FC para 96 e TPC de 6 segundos, com aumento também da frequência respiratória. A cada hora seus parâmetros clínicos evoluíam se tornando mais instáveis com piora acentuada revelando a entrada em choque. Com 28 hs o animal apresentava FC 108 e TPC 8 segundos, mucosas extremamente cianóticas demonstrava dor extrema com inquietação, instabilidade locomotora e andar em círculos. Após 30 horas o animal cai violentamente ao chão e entra em quadro de tetânia e movimentos de pedalaleio até que se constata parada cardio-respiratória.

A égua 2 encontrava-se mais alerta, num quadro de desconforto abdominal leve, não apresentando diarreia, porém, com pulso evidente nos quatro membros. Seu exame clínico apresentou FC 44bpm e FR 16 mpm, mucosas congestionadas, TPC 2 segundos e temperatura de 37,6°C e movimentos intestinais normais com discreta presença de gás. Manteve-se num quadro estável, com melhora a cada nova avaliação. Passadas 24 horas do início dos sinais demonstrou-se alerta, com sinais vitais normais, mucosas róseas congestionadas e reduzida presença de gás no trato gastrointestinal. Este animal ficou internado no HCV até a plena estabilização, quatro dias após recebeu alta.

O tratamento foi igual para as duas éguas e consistiu em fluidoterapia 30 litros de solução fisiológica e ringer com lactato, juntamente com soluções poliônicas, passagem de sonda nasogastrica com administração de óleo mineral associado a carvão vegetal, terapia intravenosa com flunixin meglumine 2.2mg/Kg, dexametasona 20mg, cloridrato de ranitidina 200mg. Essas terapias foram instituídas a cada 8 horas em ambos animais. A égua 1 que se encontrava em pior estado não respondeu ao tratamento, entretanto, a égua 2 respondeu de forma positiva.

Os achados de necropsia encontrados nos animais são compatíveis com os relatados na literatura. Um dos animais apresentava grande quantidade de líquido na cavidade abdominal enquanto que a segunda égua caracterizou grande quantidade de gás no intestino levando a distensão acentuada deste. O estômago com a porção glandular apresentando edema de parede, mucosa difusamente avermelhada e com presença de fibrina. No duodeno foi encontrado edema de parede e congestão e mucosa. No ceco havia nítido edema de parede, mucosa congesta e coberta por fina camada de fibrina verde-acidentada.

O diagnóstico das intoxicações por plantas tóxicas é realizado pelo conhecimento da ocorrência de plantas tóxicas na região, das doenças causadas por elas, a constatação dos sinais clínicos e a sua evolução. Os dados epidemiológicos são de grande importância, tais como a presença da planta, toxicidade, frequência da doença, época de ocorrência e condições em que ocorre a ingestão (M. Haraguchi, 2003).

### **Conclusão**

Os eqüinos se mostram mais sensíveis à ação tóxica da planta que os bovinos e ovinos, apesar de terem um hábito alimentar mais seletivo.

Os animais intoxicados apesar de ter nascido no local ficaram cinco anos em treinamento, no hipódromo, fora da sua região de origem, fato que deve ter favorecido a ingestão da planta.

O animal que foi a óbito demonstrou resposta discreta ao tratamento, o que sobreviveu provavelmente ingeriu uma menor quantidade da planta, fato que valoriza a necessidade da profilaxia.

Existem poucos relatos de intoxicação por *B. Coridifolia* em eqüinos e os estudos experimentais são restritos.

### **Referencias Bibliográficas**

Riet-correa, *et. al.* **Doenças de Ruminantes e Eqüinos**. Santa Maria: ed. Palloti, v.2, 2007.

Mitsue Haraguchi. **Plantas tóxicas de interesse na pecuária**. *Biológico*, São Paulo, v.65, n.1/2, p.37-39, jan./dez., 2003.

